Entre a perversão e a dissidência: práticas sexuais, corpos e prazeres

Prazeres dissidentes.

DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira; FIGARI, Carlos Eduardo (Orgs.).

Rio de Janeiro: Garamond, 2009. 600 p.

Ao publicizar novas pesquisas sobre formas de sexualidade no Brasil, a partir de novos e velhos enfoques revisitados, *Prazeres dissidentes* demonstra a importância e a efervescência do campo. A coletânea lançada em setembro em Buenos Aires, em outubro em São Paulo e em novembro de 2009 no Rio de Janeiro é fruto do encontro de pesquisadores no Grupo de Trabalho "Corpos, desejos, prazeres e práticas sexuais 'dissidentes': paradigmas teóricos e etnográficos", que aconteceu em Porto Alegre no ano de 2007, durante a VII Reunião de Antropologia do Mercosul (RAM).

Permeado por autores como Michel Foucault e Georges Bataille, considerados autores clássicos no estudo do erotismo e da sexualidade, e somadas as discussões teóricas levantadas por Judith Butler, principalmente no artigo de abertura da coletânea de Vitor Grunvald,[1] que traz com propriedade a discussão acerca dos conceitos de abjeção, política da performatividade e lesbianidade, o livro se divide em quatro partes – "Corpos e interações de fronteira", "Encontros ao avesso", "Sociabilidades fluidas" e "Jogos proibidos" –, que revelam formas de sexualidade e busca de prazeres considerados marginais.

O livro traz a discussão das possibilidades de construção de identidades.[2] Do ponto de vista metodológico, além das pesquisas etnográficas, em que é possível observar as práticas sexuais dissidentes tanto do sexo pago quanto do ocasional, observado em boates,[3] clubes de mulheres,[4] clubes para homens[5] e zona de prostituição,[6] por exemplo, há uma constante relação dessas pesquisas com aquelas realizadas na Web, em *blogs*,[7] em comunidades do Orkut e no MSN, que se traduzem em riquíssimas fontes de pesquisa, as quais possibilitam perceber, através das falas dos próprios sujeitos, os discursos sobre a sexualidade, os encontros, as formas de identificação.

No eixo "Corpos e interações de fronteira", os textos de Larissa Pelúcio,[8] Leandro Oliveira,[9] Marion Arent[10] e Regina Coeli Machado Silva[11] tratam das práticas sexuais marginais, proibidas e indesejáveis, que nas palavras de Larissa Pelúcio "arrebata[m] e angustia[m] tanto quanto

dá[ão] prazer" (p. 91). Anna Paula Vencato[12] trata *de grupos* de *crossdressing*, que, apesar de não serem homogêneos, poderiam ser definidos, segundo a autora, como pessoas que "eventualmente usam ou se produzem com roupas ou acessórios tidos como do 'sexo oposto' ao seu 'sexo biológico'" (p. 95). Para as *drag quens*, esse ato de vestir-se significa "se montar",[13] o que geralmente permanece no âmbito do privado, do segredo.

No segundo eixo, "Encontros ao avesso", a ideia que recorta os textos é, em parte, a expressão da sexualidade através de encontros, a observação das práticas sexuais em locais destinados à interação erótica e a possibilidade de diversas formas de prazer. Nesse bloco, foram agrupados textos que tratam das práticas sexuais ocasionais entre homens, em Camilo Albuquerque de Braz[14] e Alexandre Eustáquio Teixeira.[15] E sobre os artigos que discutem as relações sexuais com prostitutas, tem-se o de Elisiane Pasini,[16] que estuda os homens no ambiente da prostituição na Vila Mimosa, na cidade do Rio de Janeiro, mormente os clientes, tema ainda pouco priorizado nas pesquisas sobre prostituição; e o de Sandra Maria Nascimento Sousa,[17] que traz à luz a memória da prostituição feminina em São Luiz do Maranhão.

"Sociabilidades fluidas" é o título dado ao terceiro eixo do livro, que se inicia com o texto de Regina Facchini,[18] que, através de observações etnográficas em locais de sociabilidade na cidade de São Paulo, analisa as mulheres que têm práticas eróticas com mulheres, observando as diversidades de experiências, corporalidades e subjetividades, percebendo as intersecções de cor/raça, geração, inserção socioeconômica e trajetória afetivo-sexual. Dando visibilidade às representações dos corpos e às relações no ciberespaço, Carolina Parreiras[19] analisa os perfis do Orkut para pensar as sexualidades e as homossexualidades. Para observar os jogos de sedução entre lésbicas em duas boates do Rio de Janeiro, Andrea Lacombe[20] faz uma pesquisa etnográfica, trazendo uma discussão necessária e importante acerca da presença e da corporalidade da pesquisadora e do pesquisador durante a pesquisa de campo. Finalizando esse bloco, o artigo da pesquisadora Isadora Lins França[21] dá visibilidade aos locais de sociabilidade de homens que se relacionam com outros homens na cidade de São Paulo, suas permanências e mudanças, priorizando as práticas sexuais de um samba GLS frequentado por clientela formada principalmente por negros homossexuais.

O último grande eixo do livro traz como título "Jogos proibidos", que trata de temáticas polêmicas e práticas sexuais consideradas repugnantes e abjetas. Inicia-se com o artigo de Carlos Eduardo Figari,[22] que analisa as relações incestuosas hetero/homossexuais consentidas entre adultos, mostrando como o tabu do incesto[23] gera culpas e sanções morais aos incestuosos/as, através de riquíssimos relatos dados por informantes ao pesquisador. Sob o manto da anormalidade e da criminalidade também está o artigo de Alessandro José de Oliveira,[24] que discute a possibilidade de uma nova categoria de sujeitos sexuais, do pedófilo ao *boylover,* trazendo as discussões propostas pela teoria *queer,*[25] através dos insights de Judith Butler, discutindo os sujeitos performáticos que rompem com as normas de gêneros. Outras práticas sexuais dissidentes são debatidas por Bruno Dallacort Zilli,[26] como o BDSM (bondage, disciplina, dominação e submissão); por Jorge Leite Jr.,[27] como a escatologia, o sexo com cigarros e o "abuso facial"; e por Estéban Andrés Garcia,[28] como o *barebacking*, demonstrando o pânico moral que se instalou a partir da prática sexual realizada entre homossexuais sem preservativo, as quais compõem este eixo temático. Por último, o artigo de María Elvira Díaz-Benítez[29] enfoca as práticas de orgias, através da observação da filmagem de uma orgia pornô que tem como temática o carnaval carioca, no qual a presença da pesquisadora nos sets lhe permitiu fazer constatações precisas, pouco prováveis de serem feitas por meio de relatos. Mostra como é marcante a presença do casal formado pela mulher loura e pelo homem negro, o que confirma a reiteração da vinculação entre gênero e raça como forma de transgressão.

O livro traz contribuições importantes para os/as pesquisadores/as que se propõem a aprofundar seus estudos sobre práticas sexuais não convencionais, trazendo os debates sobre a busca por normalização de algumas condutas, questionando a criminalização de outras. Outra questão que se impõe é a não utilização, pela maioria dos artigos, do arcabouço teórico trazido pela teoria *queer*, o que talvez esteja relacionado ao que Adriana Piscitelli afirma no prefácio desta obra: "percebíamos que algumas linhas dos estudos *'queer'* ignoravam gênero, enquanto abordagens sobre heterossexualidades consideravam a articulação entre gênero e sexualidade, mas em uma perspectiva na qual o gênero aparecia frequentemente aprisionado em uma distinção binária". Assim, *Práticas*

dissidentes, através de seus autores e autoras, questionam a heteronormatividade obrigatória como lócus do sexo e do prazer permitidos, como já sinalizou Michel Foucault,[30] que mostra como a sexualidade e o prazer foram gradativamente restritos ao quarto dos pais, objetivando a reprodução, mostrando como o que destoa dessa premissa passa a ser considerado anormal. Nesses artigos o prazer é o cerne nas práticas sexuais. Também se faz imprescindível para pensar novos objetos de pesquisa, mas também novas fontes, principalmente através de sites da Web.

Notas

[1] "Butler, a abjeção e seu esgotamento".

[2] O artigo de Vitor Grunvald "Butler, a abjeção de seu esgotamento" trata, através da discussão sobre abjeção de Judith Butler, dos corpos abjetos e da constituição dos sujeitos. Já Camilo Albuquerque de Braz, em "Silêncio, suor e sexo: subjetividades e diferenças em clubes para homens", mostra que gênero, classe, raça/cor, idade e estilo estão colados na produção discursiva das subjetividades e nos corpos dos frequentadores dos clubes de sua pesquisa.

[3] Em "Diversidade sexual e trocas no mercado erótico: gênero, interação e subjetividade em uma boate na periferia do Rio de Janeiro", Leandro Oliveira trata principalmente das relações entre homossexuais masculinas. E Andrea Lacombe, em "'Tu é ruim de transa!' ou como etnografar contextos de sedução lésbica em duas boates GLBT do subúrbio do Rio de Janeiro", trata de relações entre mulheres lésbicas.

[4] Em "Performances de gênero em um 'clube de mulheres'", de Marion Arent.

[5] Em "Silêncio, suor e sexo: subjetividades e diferenças em clubes para homens", de Camilo Albuquerque de Braz.

[6] Em "Sexo com prostitutas: uma discussão sobre modelos de masculinos", de Elisiane Pasini.

[7] "Gozos ilegítimos: tesão, erotismo e culpa na relação sexual entre clientes e travestis que se prostituem".

[8] "Gozos ilegítimos: tesão, erotismo e culpa na relação sexual entre clientes e travestis que se prostituem".

[9] "Diversidade sexual e trocas no mercado erótico: gênero, interação e subjetividade em uma boate na periferia do Rio de Janeiro".

[10] "Performances de gênero em um 'clube de mulheres'".

[11] "Relações impuras: sexualidade, corpos e sujeitos na literatura brasileira contemporânea".

[12] "Negociando desejos e fantasias: corpo, gênero, sexualidade e subjetividade em homens que praticam *crossdressing*".

[13] Segundo Anna Paula Vencato, trata-se "do termo 'nativo' que define o ato ou processo de travestir-se, (trans) vestir-se ou produzir-se" (p. 94).

[14] "Silêncio, suor e sexo: subjetividades e diferenças em clubes para homens".

[15] "Discursos e representações sobre territórios de 'pegação' em Belo Horizonte".

[16] "Sexo com prostitutas: uma discussão sobre modelos de masculinos".

[17] "Desejo proibido: práticas da prostituição feminina".

[18] "Entrecruzando diferenças: mulheres e (homo)sexualidades na cidade de São Paulo".

[19] "Fora do armário... Dentro da tela: notas sobre avatares, (homo)sexualidades e erotismo a partir de uma comunidade virtual".

[20] "'Tu é ruim de transa!' ou como etnografar contextos de sedução lésbica em duas boates GLBT do subúrbio do Rio de Janeiro".

[21] "Na ponta do pé: quando o *black*, o samba e o GLS se cruzam em São Paulo".

[22] "No ventre do pai: desejos e práticas do incesto consentido".

[23] O autor faz menção ao trabalho de Lévi-Strauss, "que demonstra como 'a regra do tabu do incesto' é onipresente em todas as culturas, algo 'constante em todos os homens', o que lhe outorga seu caráter 'universal'" (p. 431).

[24] "De 'pedófilo' à '*boylover*': ilusão ou uma nova categoria sexual que se anuncia?".

[25] Além de Judith Butler, a autora utiliza os aportes daquelas/es consideradas/os precursoras/es como Gayle Rubin e Michel Foucault, este último referenciado pela maioria dos pesquisadores desta coletânea.

[26] "BDSM de A a Z: a despatologização através do consentimento nos 'manuais' da internet".

[27] "A pornografia 'bizarra' em três variações: a escatologia, o sexo com cigarros e o 'abuso facial'".

[28] "Políticas e prazeres dos fluidos masculinos: *barebacking,* esportes de risco e terrorismo biológico".

[29] "Retratos de uma orgia: a efervescência do sexo no pornô".

[30] Segundo Michel Foucault (1984, p. 10), "No espaço social, como no coração de cada moradia, um único lugar da sexualidade reconhecida mais utilitário e fecundo: o quarto dos pais. Ao que sobra só resta encobrir-se: o decoro das atitudes esconde os corpos, a decência das palavras limpa os discursos. E se o estéril insiste, e se mostra demasiadamente, vira anormal: receberá este status e deverá pagar as sanções".

Referência bibliográfica

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

Claudia Regina Nichnig ■
Universidade Federal de Santa Catarina